

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA EM PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA ABORDAGEM DE MARGARIDA BASÍLIO

João Batista Costa Gonçalves¹

Resumo

Este trabalho é um estudo preliminar sobre a proposta de Basílio (1987) para a derivação regressiva em português. Neste estudo, apontaremos algumas críticas à abordagem da autora, considerando basicamente sua conceituação e análise dos regressivos.

Abstract

This work is a preliminary study about Basilio's (1987) proposal to the back-derivation in Portuguese. In this study, we will indicate some criticisms to the approach of the authoress, considering essentially her conception and analysis of the regressives.

Key-words

Morfologia. Derivação regressiva. Deverbal. Abreviação ou Redução.

1. INTRODUÇÃO

É objetivo do presente trabalho fazer uma análise crítica da proposta de Margarida Basílio para a derivação regressiva em português, tal como foi desenvolvida num dos capítulos da obra **Teoria Lexical** (1987).

Esse trabalho está dividido basicamente em três seções. Na primeira, à guisa de esclarecimentos, examinaremos a caracterização e a conceituação da derivação regressiva, segundo a autora. Na segunda seção, focalizaremos a análise da autora para os deverbais regressivos, observando as vantagens e desvantagens que daí emergem. Na última se-

ção, concluiremos com uma síntese do que foi exposto ao longo do trabalho.

Cumpre destacar que este trabalho não tem caráter conclusivo. Aponta para a necessidade de um estudo mais vertical sobre o assunto. Em substância, é mais um trabalho de síntese e de sinalização para o tratamento do tema, de difícil resolução ainda, senão de lacunas por se preencher.

2. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Basílio (1987), num capítulo intitulado **Outros processos de formação de formação de palavras**, inclui o estudo da derivação regressiva junto com o da derivação parassintética e a imprópria.

Para o caso da derivação regressiva que nos interessa mais de perto, a autora caracteriza o processo como o fato de uma nova palavra ser formada pela supressão de um elemento mórfico, ao invés de por acréscimo.

Ora, caracterizar este processo de formação de palavra como mera redução do corpo fonológico do vocábulo é não atentar para exemplos como **embarque/embarcar**, em que há duas vogais temáticas diferentes no par N/V, sem mencionar ainda fenômenos prosódicos envolvidos na questão, como alternância do acento. Como se pode observar a definição de derivação regressiva dada por Basílio não parece des- toar muito das conceituações oferecidas pela tradição gramatical.

Por outro lado, a autora se afastou das abordagens tradicionais, ao estabelecer nitidamente a diferença entre o conceito de derivação regressiva e o de abreviação ou redução. No caso deste último, apesar de se ter uma palavra formada pela supressão de alguma parte da palavra derivante, a parte a ser suprimida é, não raro, imprevisível e sinônimo da derivante. Com respeito à derivação regressiva propriamente

¹ Mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, bolsista do CNPq

ditada, a supressão se dá através de um elemento mórfico tido como afixo; e a palavra resultante não encerra o mesmo significado da palavra derivante. Assim, formas como **boteco**, **sampa**, **grã-fa**, **vídeo**, **análise** não seriam palavras formadas por derivação regressiva, como querem alguns gramáticos. Na verdade, tais palavras seriam formas abreviadas ou reduzidas de **botequim**, **São Paulo**, **grã-fina**, **videocassete**, **psicanálise**, na ordem. Já para o caso de derivação regressiva, seriam exemplos deste processo, conforme a autora, o segundo termo do par **sarampão/sarampo**, em que o **-ão** de **sarampão**, interpretado como sufixo aumentativo, foi suprimido e derivou **sarampo**, estabelecendo-se aí uma oposição de significado entre ambos: **sarampão** é um ataque forte de sarampo.

Ao nosso ver, porém, a autora não foi feliz em exemplificar casos de derivação regressiva como **sarampo/sarampão**. Casos como estes só podem ser analisados como regressivos sob uma perspectiva diacrônica. A nível sincrônico, **sarampão/sarampo** não constituem casos de derivação regressiva, assim como não constituem, formas como **rosmaninho/rosmano**, **gajão/gajo**.

Uma vez esclarecida, em linhas gerais e em nível preambular, a questão dos regressivos tal como tratada por Basílio, ainda conforme a tradição, vamos mostrar como ela redimensiona o problema nas secções que seguem.

3. DERIVAÇÃO REGRESSIVA DEVERBAL

3.1. A crítica de Basílio a tradição

Basílio assinala com o grupo mais importante das derivações regressivas em português as formações regressivas deverbais, como as do tipo abaixo:

jogar/jogo, lutar/luta, atacar/ataque

A autora examina a situação descritiva desse processo, sob dois ângulos: o morfológico e o semântico.

Na questão morfológica, é levantado o problema de se saber até que ponto deveríamos considerar as formações deverbais como derivações regressivas. Por exemplo, se se considerar pares como **apertar/aperto**, **ameaçar/ameaça** e **cortar/corte**, casos de derivação regressiva, tem-se então que levar em conta, nesses casos, que se trata de um caso misto, uma vez que há o acréscimo de vogais. Ou seja, há tanto uma parte retirada como uma parte acrescida.

Segundo Basílio, a idéia da derivação regressiva, nesses casos, poderia se prender ao tema verbal. Ocorreria a supressão da marca de infinito, restando o tema verbal. Mas a autora mostra que este tipo de explicação não é viável, pois não dá conta de formas terminais em **-o** (**jogar/jogo**), que, na verdade, constituem a grande maioria.

Outro problema suscitado para estes casos é que, conforme Basílio, a supressão da marca de infinito não poderia ser considerada como derivação regressiva, porquanto

em verbos como **aguardar**, **demorar**, **atrasar**, **amparar**, etc., tem-se uma seqüência indivisível em que uma das partes é interpretada como afixo. Basílio afirma que, nesses casos, trata-se de fato de um afixo do tipo flexional e que dois níveis de análise emergem desta abordagem: o **flexional**, em que se situa o processo de formação do infinitivo e o **derivacional**, cuja base é o tema verbal.

A autora então conclui que se se considerar o tema verbal como base para as supostas derivações regressivas, haverá apenas o acréscimo de sufixos como **-e**, **-o** ou **-a** para a formação de substantivos a partir de verbos.

As indagações de Basílio com relação à abordagem morfológica para os deverbais regressivos são bastante válidas; todavia ela já dá como pressuposto o verbo como derivante e o nome como derivado, em casos como **jogar/jogo**, **esperar/espera**, **enfocar/enfoque**. A pergunta que nos fazemos é: por que o percurso derivacional não poderia ser o inverso?

Há algo ainda a se assinalar. Pode-se perceber uma sutil contradição da autora com respeito aos regressivos verbais. Num momento, ela afirma categoricamente que pares como **lutar/luta**, **amparar/amparo**, **entregar/entrega** são casos de derivações regressivas, mais adiante, porém, ela chama textualmente formações desse tipo de **alegadas derivações regressivas**.

Quanto à questão semântica, Basílio argumenta que é difícil determinar a direcionalidade do processo de formação de muitos casos. Ou seja, há dificuldade em se reconhecer se foi o verbo que derivou o nome ou se ocorreu o inverso.

A autora alude à abordagem das gramáticas normativas para resolver esse problema. Segundo estas gramáticas, quando o significado é de ação (**lutar/luta**) têm-se formações regressivas, mas quando o significado é um objeto concreto ou substância (**perfume/perfumar**), o nome é básico e não há portanto, derivação regressiva.

Basílio faz algumas objeções a este tipo de análise. Essa distinção entre derivado e derivante não cobre a maioria dos pares desse tipo, em que o substantivo nem é uma ação, nem é um objeto concreto e nem tampouco uma substância, facilmente de ser reconhecível.

Acrescente-se ainda que a pluralidade de significado das formas muitas vezes concorre para agravar o problema (Ex.: **salto** (pulo) / **salto** (do sapato)).

Uma crítica ainda ao critério proposto pelas gramáticas normativas para diferenciar derivante e derivado no processo derivacional vem de Gamarski, que assevera:

Na medida em que se conhece que regressivos e sufixais derivados de verbos de ações podem apresentar tanto interpretação verbal quanto nominal, com possibilidades de sofrerem expansão para um significado de resultado concreto de ação (**crítica**, **confissão**, **oferta**, etc.). Além disso, há nomes deverbais, sufixais ou regressivos cujas bases não são verbais de ação; só apresentam interpretação nominal, não denotando, portanto, ação (**desejo**, **aspiração**, **perda**, **acontecimento**, etc.). Como não

se trata de casos isolados, mas de propriedades dos nomes deverbais **-no** que a rotulação tem abrangente, o critério fica comprometido (1988 : 44 -5).

A pergunta que permanece é: qual o critério então capaz de resolver o problema de direcionalidade do processo derivacional?

3.2. Proposta de análise por Basílio para os deverbais

Basílio propõe que uma determinada forma seja analisada como formação deverbal sempre que ela possuir um sentido mais abstrato, em decorrência de dois critérios: a produtividade e a relação sintática verbo/nome.

Pelo primeiro critério, porque pode-se afirmar que formação de substantivos a partir de verbo é mais produtiva do que o processo inverso. Pelo segundo, porque há uma relação sintático-semântica que se estabelece entre o verbo e a forma normalizada e que, não raras vezes, é independente da origem da forma substantiva ou da forma verbal.

Para a autora, é essa relação que constitui um critério forte a favor de uma formação ser considerada deverbal ou não, independente da sua origem concreta.

De acordo com a proposta de Basílio, portanto, uma formação deve ser considerada como deverbal quando puder ser usada com sentido verbal. Assim, em exemplos como: **A demora de Maria está aborrecendo Pedro**, o vocábulo **demora** seria um tipo de formação deverbal porque, noutro contexto, teria um sentido verbal, como em: **Pedro está ficando aborrecido porque Maria está demorando**. Contudo, numa frase do tipo **O enfeite de Maria não durou muito**, **enfeite** não seria um deverbal de **enfeitar** porquanto não possuiria uma contraparte com o sentido verbal **Maria não demorou se enfeitando** ou **Maria não demorou muito sendo enfeitada**. Nesse caso, **enfeite** seria um substantivo básico.

Essa proposta, conforme Basílio, está apoiada na própria função dos processos de substantivação de verbos que é, em geral, formar substantivos abstratos a partir de verbos para suprir as exigências sintático-semânticas do discurso.

Aliás, como assinala a autora, um dos mais importantes aspectos semânticos envolvidos nessas formações é o de expressar o significado do verbo dentro de uma visão nominal e o de emprestar ao significado do verbo uma forma sintática de substantivo a fim de se adequar a determinadas estruturas discursivas.

É fácil perceber que a proposta de Basílio aqui apresentada apela para critérios sintático-semânticos. Noutro momento, todavia, Basílio (1980) apoiou sua abordagem para as formações regressivas com base em critérios estritamente morfológicos.

Neste outro momento, ela afirma que critérios de cunho sintático-semântico não constituem bases seguras para a classificação dos deverbais, pois, em português, eles podem apresentar tanto uma interpretação verbal como nominal.

Em outras palavras, num instante a autora apela para critérios de natureza sintático-semântico para fundamentar sua abordagem, já noutro momento rejeita esses critérios por serem de inteira confiança para a análise dos deverbais.

O mais admirável é que, examinando um outro trabalho da autora (Basílio, 1986), observamos que ela defende que:

“... a função semântica é o fator básico na operação e na própria existência de regras de formação de palavras.” (p. 53).

Em resumo, a autora não entrou em consenso com relação a que critério adotar no tratamento da derivação regressiva.

Somos da opinião, contudo, de que a adoção de um único critério na determinação da direcionalidade do processo em pauta não é vantajoso, pois na relação **N/V** há aspectos não só de caráter sintático-semântico, mas também aspectos morfológicos, como a relação de palavras motivadas morfológicamente que permitem visualizar o percurso derivacional (cf. **frouxo/afrouxar/afrouxo**), e até mesmo aspectos fonológicos, com a alternância vocálica (cf. **sufocar/sufoco**) ou o deslocamento de acento (cf. **denunciar/denúncia**), envolvidos na questão.

3. CONCLUSÃO

Examinando a proposta de Basílio para a derivação regressiva, podemos observar os méritos e deméritos advindos da mesma. Com respeito à caracterização do fenômeno, a autora parece repetir a visão tradicional que vê a derivação regressiva como uma simples supressão de elementos mórficos. Foi diferente porém, sua abordagem, em Basílio (1981), onde caracterizou a derivação regressiva basicamente como a transformação de uma forma presa em forma livre. Aqui a caracterização já se faz em termos estruturais.

Por outro lado, a autora teve o cuidado de separar nitidamente a derivação regressiva de casos de abreviação ou redução, nisto sua definição para o processo já se diferencia da das gramáticas normativas. Ressaltamos, todavia, que a autora, ao exemplificar casos de derivação regressiva para contrapor a exemplos de derivações ou redução, não atentou para diferenças de análise a nível diacrônico e sincrônico. Sua detença maior deu-se quanto aos deverbais.

Para a derivação regressiva verbal, Basílio levantou duas questões: uma de ordem morfológica e outra de ordem semântica. Em que pese sua argumentação para problemas morfológicos envolvidos na questão, como o fato de formações regressivas poderem estar ligadas a um tema verbal e, nesses casos, haveria apenas o acréscimo de sufixos com **-e**, **-o** ou **-a** para a formação de nomes a partir de verbos, a autora já como conhecido a direcionalidade do processo, ou seja, **V** → **N**. Sua argumentação terá validade se este problema da direcionalidade for solucionado.

Quanto à questão semântica, Basílio coloca exatamente esta questão: a dificuldade de se saber com precisão o percurso derivacional do processo. Verbo deriva nome ou nome deriva verbo? A autora examina o critério proposto

pelas gramáticas para distinguir derivado e derivante com bases em noções semânticas muito imprecisas como: se o nome é de ação é derivativo, se indica objeto concreto será básico. Conforme Basílio, esta diferenciação não cobre o maior número de casos, pecando, portanto, pela sua falta de abrangência.

Basílio propõe então um critério para o reconhecimento de formações regressivas: uma formação seria tida como deverbal se apresentar pelo menos um sentido verbal em uma de suas leituras.

Analisamos, ao final, o referido critério e podemos notar que ele é muito restrito. Dever-se-ia levar em conta, além de aspectos sintático-semânticos, fatores de natureza morfológica, e até mesmo fonológica, que envolvem o fenômeno e são relevantes para uma descrição mais precisa do processo em pauta. Fá-lo-emos em outra oportunidade.

4. BIBLIOGRAFIA

BASÍLIO, Margarida (1980). Estruturas Lexicais do português: uma abordagem gerativa. Petrópolis, Vozes.

.....(1981). Derivação regressiva: um estudo preliminar. Linguagem/PUC/RJ 1(1).

.....(1986). A função semântica na substantivação de adjetivos. Rio de Janeiro, Delta Vol.2, nº 1.

.....(1987). Teoria Lexical. São Paulo, Ática.

GAMARSKI, Léa (1988). A derivação regressiva: um estudo da produtividade lexical em português. Goiânia, CEGRAF.